

BLOOM, *FLÂNEUR*: NA EPOPEIA DE GONÇALO M. TAVARES

Evelyn Blaut Fernandes (UFRJ/FAPERJ)

Resumo: *Uma viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares, livro construído em aberto dialogismo com *Os Lusíadas*: emulação da viagem de Vasco da Gama e subversão das versões épicas através do novo anti-herói Bloom. O destino final da viagem, o mítico Oriente e o deslocamento de Bloom pela Europa no contexto de perseguição e fuga. Da travessia circular à experiência do valor dentro e fora da literatura em ambas as epopeias portuguesas.

Palavras-chave: literatura portuguesa contemporânea; épico; valor; exílio; experiência.

Bloom era bibliófilo até em sítios surpreendentes.
A mania dos livros ia dos dedos
das mãos aos dedos dos pés pois lia sempre
acompanhando o ritmo das frases
com pequenas pancadinhas no chão
– como se estivesse a ouvir música. E esta sua
loucura por livros tinha sido notada por
Shankra e por todos os amigos deste. Um homem
que amou, matou e gosta de livros é
um perigo errado.
(VI, VIII, 58)

Mas Bloom não é apenas “[u]m homem/ que amou, matou e gosta de livros”. O herói “fugitivo[] e perseguido[]” (Lourenço, 2010, p.16) do século XXI talvez goste de livros porque vê “a possibilidade de errar muito,/ Que existe na escrita (errar de errância, de caminhar/ Mais ou menos sem meta)” (Tavares, 2011, p.163). Depois de ter *errado* sem demora durante seis longos cantos, por Londres, Paris, Alemanha, Viena e Praga (curiosamente *capitais* de grandes impérios do passado), este homem “europeu e português” (VI, VIII, 71) chega à Índia no canto VII, onde espera encontrar “sabedoria/ e esquecimento” (VI, I, 10). Lá, porém, o irônico Bloom, vendo-se diante de uma desequilibrada troca sem qualquer forma de moeda, não estabelece uma discutível troca comercial. Envolvidos em “cobiça mútua” (VI, VIII, 62), Bloom e Shankra, guru tão “vulgar[] e suspeito[] vendedor[] de ilusões como todos os outros” (Lourenço, 2010, p.16), “termina[m]/ em negócios bibliográficos” (VI, VIII, 78). Shankra almeja, da “pequena/ mala de Bloom, duas preciosidades,/ dois livros que a velha Europa havia/ inventado: «Cartas a Lucílio», de/ Séneca” e “o teatro completo/ de Sófocles” (VI, VIII, 61), enquanto “Bloom apenas cobiçara,/ maravilhado, uma edição do livro «Mahabarata»/ que parecia ter mais anos/ que muitos países” (VI, VIII, 56). Os três livros em negociação

– um épico hindu, uma epistolografia recheada de preceitos éticos e um compêndio teatral que reúne textos fundadores do pensamento ocidental – são anteriores à capitalização do livro como objeto de consumo, e anteriores a *Os Lusíadas*, epopeia que evoca uma sociedade mercantilista e empreendedora numa viagem que, historicamente, teve objetivos comerciais e religiosos. Por outro lado, Bloom e Shankra estabelecem uma relação fetichista mediada por três obras fundadoras de culturas postas em negociação pelo valor arbitrário ou simbólico (de troca) e não pelo seu valor *real* (de uso). Bloom, no entanto, sabe que “[a] estética terminou. Ficou o dinheiro” (VI, II, 107), ficou “a comercialização e a transformação de tudo em produto na economia recém-globalizada” (Said, 2007, p.149):

Não há dinheiro que suje as mãos,
há apenas mãos capazes de sujar esta nova Bíblia,
de página única e bem mais fácil de ler: a nota valiosa.
Reduziram os ensinamentos essenciais de 10 mil páginas
a 10 mil dólares (...)
(VI, II, 22)

Essa negociação, ou esse pacto estabelecido entre Bloom e Shankra, que seria apenas uma relação de troca material entre dois homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação cultural: “dois valiosos livros clássicos” (VI, IV, 85) do Ocidente valem por um do Oriente. Embora o valor esteja estreitamente ligado ao objeto, o valor de uso e o valor de troca – e a dialética que se instaura entre ambos – parecem uma construção que estabelece como postulado a possibilidade de equilibrar o valor. Em algumas sociedades e culturas, “as coisas não se trocam nunca diretamente umas pelas outras, mas sempre por mediação de uma transcendência, de uma abstração” (Baudrillard, 2001, p.13). Os livros postos em negociação por Bloom e Shankra são “[m]ercadorias intelectuais” e “não deixam de ser mercadorias, mas pelo menos dão a [ilusão de/ uma certa grandeza” (VI, VIII, 80). Camões, por certo, não se interessava por cantar o mercantilismo da viagem: o “valor mais alto” (*Lus.*, I, 3, 7-8) é o canto novo inaugurado pelo próprio poema que também reconhece que “Verdadeiro valor não dão à gente” (*Lus.*, IX, 93). Já no canto VIII do texto mais recente, a ironia chega ao seu ponto mais intenso, pois o que tem valor não são as “obras valorosas” mas livros “em edição rara” (VI, VIII, 61). Vale o livro pelo seu valor de troca. No início da epopeia contemporânea, no entanto, o narrador de Bloom (ou ele mesmo?) procura outro valor: “Não se trata aqui de encontrar a imortalidade/ mas de dar um certo valor ao que é mortal” (VI, I, 3). Ao contrário de

Camões, Gonçalo não canta um “Capitão *valeroso*” (*Lus.*, II, 2) ou “antepassados valerosos” (VI, I, 18), mas os “imprevistos espantosos” (VI, II, 1) que, na sua errância, atrapalham a “vida de um pequeno cidadão” (VI, II, 2). Na contramão de Bloom, que na sua viagem busca “sabedoria e esquecimento”, os portugueses de há cinco séculos procuravam meios de transmitir (à força) seus conhecimentos e imortalidade: “não há no nosso épico um modo de escapar às encruzilhadas conceptuais, vocabulares e narrativas de um tempo que tendia a ver na alteridade representada por povos distantes no espaço um sinal de uma realidade mirífica a ser domesticada ou apropriada exemplarmente e a todo o custo” (Quintais, 2013, p.32). Bloom, por outro lado, além de “dar um certo valor ao que é mortal” (VI, I, 3), é também um homem cético: ele não quer procurar aquilo que sabe que não pode encontrar, como o “Santo Graal”, “o centro do mundo” ou “as visões que os Índios idolatravam” (VI, I, 3). Bloom prefere “dar um certo valor ao que é mortal” a comprar uma ideia de que a Literatura pode ser um meio de transporte para a imortalidade, já que “[n]ada é firme antes de terminar./ E depois de terminar, tudo morreu. A firmeza/ e a imortalidade não existem porque são o mesmo/ e nenhuma existe” (VI, VII, 71). A vida, afinal, é menos composta de gestos imortais que de “um fraco humano” de “curta vida” (*Lus.*, I, 106). O livro contemporâneo, reduzindo este desfasamento entre a epopeia e a vida, já sublinhado em *Ulysses*, torna-se mais realista à medida que abriga a narrativa deste “pequeno cidadão” (VI, II, 2) tão semelhante a “um bicho da terra tão pequeno” (*Lus.*, I, 106).

Mais mental que física, a trajetória de Bloom é de perseguição e evasão do mundo: “E aí começou a viagem interior de Bloom/ para a Índia” (VI, VI, 5), que é também a sua “aprendizagem lenta da Índia” (VI, VI, 6). Sem encontrar um lugar físico ou um lugar mental que funcione como abrigo permanente, vai, portanto, não *a* Índia, a qualquer uma Índia. Bloom realiza uma viagem *à* Índia, *àquela* Índia específica, mas qual? *à* fabulosa Índia das conquistas de Alexandre? *à* Índia mítica que se tornou realidade para a Europa no século XVI? *à* Índia das raízes mais antigas, terra mítica e, mais que descoberta, reencontrada? *à* Índia de “mito e sonho que, depois de se ter cristalizado no que dela disse a antiguidade, converte-se em experiência provada” (Nóbrega, 2008, p.382)? ou *à* Índia turística do século XXI? Bloom (não Gonçalo M. Tavares) empreende a “sua viagem no início do século XXI” (VI, I, 6), repetindo a aproximação camoniana *à* Índia, de conhecimento direto, de saber feito só de experiência, mas de experiência real como divisa epistemológica e metodológica que só o mundo globalizado poderia assegurar, um mundo onde já não cabem viagens de descoberta. Os lugares deixaram de ser confins

desconhecidos e transformaram-se em pontos turísticos dispostos a serem reconhecidos. E Bloom viaja em outros *tempos sombrios*, de refugiados e turistas para lugares cada vez mais turísticos.

O grande interesse camonianiano é o da recepção de sua obra (com um grande momento reservado à decepção). Porém, o texto contemporâneo não canta a “gente surda e endurecida” (*Lus.*, X, 145). Pelo contrário: lembra, com ironia, que “[j]á não há sábios, há leitores” (VI, VIII, 79). E Gonçalo M. Tavares é um *leitor*. Bloom “[t]entou encontrar sábios na cidade de/ Londres, e mais tarde em Paris” (VI, V, 66), mas “[j]á não há sábios” (VI, VIII, 79) “[c]um saber só de experiências feito” (*Lus.*, IV, 94). Afinal, “[a]s coisas do mundo estão fortemente ligadas, sim,/ mas também fortemente desligadas. Sábio é aquele/ que percebe as duas forças” (VI, V, 79):

De facto, Bloom já o sabe há muito:
somos inseparáveis do nosso pior.
Pode-se *fingir*¹ durante anos,
mas cada um é inseparável da sua maldade
(VI, VIII, 84).

Neste aspecto, *Uma viagem à Índia* questiona o fingimento pessoano e a lição camonianiana sobre as (des)semelhanças entre ser e parecer. Logo, chegando na “desejada parte oriental”, não encontra nem a Índia –

Não há Índia. Nem sequer o desejo de Índia.
O que há é, de um lado, excitação e, do outro,
avidez que murmura. Coisas simples e práticas.
(VI, IX, 84)

nem um sábio, mas um ladrão –

A fachada sábia revela, então, pouco a pouco
o que esconde.
Bloom está na verdade diante de um ladrão.
De livros, muito bem, mas ladrão.
(VI, VIII, 83).

Afinal, “há gente que aparenta sabedoria/ em festas públicas” (VI, VI, 58). Mas o que é a sabedoria para Bloom, ou para o seu narrador?

A sabedoria é um conjunto de habilidades
que se exerce na relação

¹ Grifo meu.

com o mundo, em pleno isolamento,
e mesmo em plena fuga
(VI, VI, 57).

No canto II, entretanto, Bloom disse: “Não sou ladrão² (...)/ e quando a minha mão toca o ferro/ não é para destruir algo, mas para construir” (VI, II, 81). Pois, ele “aceit[a] a troca” (VI, VIII, 80) dos livros: “Bloom, sem dinheiro, aceita tudo” (VI, II, 89).

Se a *descoberta* da Índia é o tema central d’*Os Lusíadas*, Bloom nada tem a *descobrir*, apenas a aprender e esquecer. Apresenta, contudo, uma Índia nem livresca, nem idealizada. Mas uma Índia por ele experimentada. A nova epopeia não tem um tema central ou o seu tema é a própria deambulação que evoca a figura do judeu errante, do vagabundo que observa o mundo, do turista que está só de passagem, do próprio “poeta andarilho” que “não podia levar compêndios em suas andanças” (Nóbrega, 2008, p.391) e percorre ruas sem objetivo aparente, embora furtivamente atento à história dos lugares, aos elementos materiais e imateriais, ou do ocioso que elabora prazer estético e pensamentos filosóficos:

A flânerie se baseia, entre outras coisas, no pressuposto de que o fruto do ócio é mais precioso <?> que o do trabalho. Como se sabe, o flâneur realiza “estudos”. O *Larousse* do século XIX diz a esse respeito o seguinte: “Seu olho aberto e seu ouvido atento procuram coisa diferente daquilo que a multidão vem ver. Uma palavra lançada ao acaso lhe revela um desses traços de caráter que não podem ser inventados e que é preciso captar ao vivo; essas fisionomias tão ingenuamente atentas vão fornecer ao pintor uma expressão com a qual ele sonhava; um ruído, insignificante para qualquer outro ouvido, vai tocar o do músico e lhe dar a idéia de uma combinação harmônica; mesmo ao pensador, ao filósofo perdido em seu devaneio, essa agitação exterior é proveitosa: ela mistura e sacode suas idéias, como a tempestade mistura as ondas do mar... (Benjamin, 2009, p.497)

Bloom anda pelas cidades para experimentá-las, para conhecê-las pela própria experiência, mas ele também é reconhecível nos livros, porque cada um de nós já o conheceu no mundo como “[ú]ltimo homem, homem da rua, homem de multidões, homem de massa, homem-massa, foi assim que apresentamos Bloom pela primeira vez:

² Ver também *Lus.*, II, 80: Não somos roubadores, que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas, da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Índia, grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto e sublimado.

como o triste produto dos tempos das multidões, como o filho catastrófico da era industrial e o fim de todos os encantamentos” (Tiqun, 2000, p.16-17)³. Homem do niilismo realizado, Bloom está sozinho em aparência, pois não está sozinho em estar sozinho, todos os homens têm essa solidão em comum. Ele vive como um estrangeiro em seu próprio país, estranho na multidão, inexistente e à margem de tudo, mas todos os Bloom vivem juntos a pátria do exílio (cf. Tiqqun, 2000, p.105). E, ao mesmo tempo, mergulhado em sentimentos de indiferença e apatia sem paralelo em qualquer outro momento da história: um tédio sem sabor a tragédia ou catástrofe, “um vazio sem trágico nem apocalipse” (Lipovetsky, 2005, p.11), nesse lugar da grande migração, um exílio precário que coincide com a situação de clandestinidade existencial.

As formulações de Tiqqun abrem caminho para a seguinte pergunta: teria sido Camões um “*dandy avant la lettre*” (Nóbrega, 2008, p.369)? “Que papel desempenhou ele no drama que se encenou no espaço-tempo em que existiu? O que lhe aconteceu na corte lisboeta, antes que fosse para o Oriente? Que se passou de fato, o que determinou verdadeiramente a sua partida?” (Nóbrega, 2008, p.363). As descrições que Rodrigues Lapa estabelece para Camões compõem a Bloom e possivelmente “apontam um indivíduo de sangue nobre, *status* social decaído, moral duvidosa e temperamento irascível, se não execrável” (*apud* Nóbrega, 2008, p.366). Nesse sentido, teria sido Camões um *Bloom*? Mais que personagem, o Bloom de Gonçalo M. Tavares seria um tipo que concentra outros personagens e corresponde a esta tipologia referida no livro *Théorie du Bloom*, do coletivo Tiqqun. Derivado do personagem Leopold Bloom, de *Ulysses*, o Bloom contemporâneo é um acossado, errante que vagueia, incapaz de se perceber psiquicamente, e alvo de uma certa letargia, que só se sente e se manifesta como vivo através de ações impensadas, um homem estrangeiro ao mundo e a si mesmo. “É um homem sem comunidade”, de “existência espectral”, “é o homem sem qualidades, sem substancialidade de mundo, onde já nem sequer o biopoder pega. O homem como homem, o anti-herói presente na literatura do século passado, de Kafka à [*sic*] Musil” (Pelbart, 2007, p.65). Ou um personagem arquetípico que foi o herói(?) quase exclusivo da

³ Aussi le Bloom est-il reconnaissable dans les livres, parce que chacun d’entre nous l’a déjà rencontré dans le monde: “Dernier homme, homme de la rue, homme des foules, homme de masse, homme-masse, c’est ainsi que l’ON nous avait d’abord représenté le Bloom: comme le triste produit du temps des multitudes, comme le fils catastrophique de l’ère industrielle et de la fin de tous les enchantements”. Ver também Jean-Baptiste Marongiu, La dernière surprise-partie. Un manifeste philosophique post-situationniste sur le “Bloom”, personnage à peine conceptuel, “fils catastrophique de l’ère industrielle et de la fin de tous les enchantements”. Tiqqun. *La Théorie du Bloom*, La Fabrique éditions, 2000, disponível em http://next.liberation.fr/livres/2000/05/04/la-derniere-surprise-partie-un-manifeste-philosophique-post-situationniste-sur-le-bloom-personnage-a_324760

literatura e da filosofia do século XX. A essa vida do homem comum, do estranho na multidão, nas condições do niilismo contemporâneo, a revista francesa Tikkun deu o nome de Bloom, um tipo humano que “designa essas existências brancas, presenças indiferentes, sem espessura, o homem ordinário, anônimo; talvez agitado quando tem a ilusão de que com isso poderia encobrir o tédio, a solidão, a separação, a incompletude, o nada” (Pelbart, 2007, p.61-62). Para o filósofo Peter Pál Pelbart, “Bloom é a figura que representa a morte do sujeito e a morte do seu mundo, onde tudo flutua na indiferença sem qualidades, em que ninguém mais se reconhece, na trivialidade do mundo de mercadorias infinitamente intercambiáveis e substituíveis” (2007, p.62). Bloom é, de fato, “uma personagem sem qualidades, mas em queda” (Mexia, 2010), cujo vazio peculiar da contemporaneidade não adquire, como em outras épocas, um sentido de catástrofe ou apocalipse, mas reveste-se antes de um sentimento de “indiferença descontraída” (Lipovetsky, 2005, p.14), uma apatia que é sinônimo do tédio irremediável, ou do “tédio definitivo” (VI, X, 156) de Bloom e da sociedade contemporânea.

Por associação à vida do poeta degredado (Nóbrega, 2008, p.373), seria o Bloom de Gonçalo um “*dandy avant la lettre*”, se considerarmos que o “dandismo é o último brilho de heroísmo na decadência” (Baudelaire *apud* Benjamin, 2009, p.151)? O “nosso herói” (VI, I, 10) é um indivíduo “europeu e português” (VI, VIII, 71) numa família abastada – “pela primeira vez uma mulher pobre na família Bloom” (VI, III, 122) – e cidadão do mundo num mundo cada vez mais globalizado. De fato, Bloom não é um semi-deus nem um “*valeroso Capitão*” (*Lus.*, I, 64 e *Lus.*, II, 109), quiçá um indivíduo no mundo, um homem sem qualquer perfil heroico na multidão da pequena burguesia com arroubos dândis: “Baudelaire define assim a impressão que o dândi perfeito deve despertar: “Eis talvez um homem rico, mais seguramente um Hércules sem emprego” (Baudelaire *apud* Benjamin, 2009, p.151). Bloom, oriundo de uma família rica e sem emprego, ao que parece, procura uma ruptura com o passado, com o seu passado. Mas ele suspeita a impossibilidade de qualquer futuro redentor. Além de irônico e cético, “Bloom é um homem lúcido” (VI, IV, 3), “ouve e vê. Vê e ouve” (VI, VII, 52), “fala, escreve”, “gosta, enfim, de estar vivo” (VI, V, 100), “gost[a] bem mais de ler/ do que de subir montanhas” (VI, III, 97), quer(?) “fazer coisas”, “pôr algo de novo no mundo” (VI, V, 87). Em outras palavras, “dar um certo valor ao que é mortal” (VI, I, 3). Por outro lado, “Bloom é já incapaz de alegria assim como de sofrimento, ele é um analfabeto das emoções de que ele recolhe apenas ecos difratados” (Pelbart, 2007, p.62).

Bloom não é apenas “[u]m homem/ que amou, matou e gosta de livros” (VI, VIII, 58): rouba e é roubado –

Bloom pensou: viajei tanto e tanto viajei para agora terminar em negócios bibliográficos. Pensava (pensa Bloom) que a sabedoria não tinha número de páginas, mas enganei-me. Há livros e livros – livros a mais (pensa Bloom). (VI, VIII, 78)

mata (o próprio pai) e vê morrer (Mary) –

o nosso herói: Bloom. Vem de uma tragédia familiar: Mary, a sua amada, por razões não totalmente claras, havia sido assassinada por ordem do seu pai, que Bloom sempre admirara, mas que logo matara em vingança. Sem amor e com sangue paterno nas mãos Bloom havia decidido fazer uma viagem à Índia (VI, V, 86)

mata uma prostituta em Paris (VI, X, 103), quase é morto numa perseguição por três homens em Londres e quase se mata, de regresso a Lisboa, “em cima de uma ponte alta” (VI, X, 155). Bloom está quase permanentemente fora de si mesmo, na sua essência é literalmente extasiado, enquanto sua existência humana torna-se manifesta sob a forma de um estado esquizoide generalizado (cf. Tiqqun, 2000, p.84). Na era contemporânea, perdeu-se a possibilidade mesma de um valor de uso. Bloom só entende a linguagem sobrenatural de valor de troca. Ele se volta para o mundo dos olhos que não vêem nada disso, nada além do nada do valor. E só por nostalgia ou por simulação pode viver a ideia de riqueza transmitida através da história – riqueza que se tornou, no mundo da mercadoria autoritária, uma coisa grotesca e incompreensível, uma forma congestionada de miséria (cf. Tiqqun, 2000, p.90).

Bloom também é o homem sem raízes, o homem que se sente em casa no exílio, enraizado na ausência de um lugar, e para o qual o desenraizamento não mais evoca banimento, mas, pelo contrário, uma situação comum (cf. Tiqqun, 2000, p.50)⁴. Por isso, Bloom (o de Gonçalo) viaja com paragens demoradas quase como já não estivesse em fuga, como se fosse apenas o inquilino de uma existência que é um exílio num mundo que é um deserto, sem missão certa a cumprir, sem lugar atribuído ou filiação

⁴ Aussi le Bloom est-il plutôt *l'homme sans racines*, l'homme qui a pris le sentiment d'être chez soi dans l'exil, qui s'est enraciné dans l'absence de lieu, et pour lequel le déracinement n'évoque plus le bannissement, mais au contraire une situation ordinaire.

reconhecível, sem emprego, em abandono (cf. Tiquun, 2000, p.16). Mas, ao mesmo tempo, o exílio de Bloom tem um status metafísico. Ele tanto pode ser abatido como um cão por um estranho sem a menor justificativa, quanto ser capaz de assassinar pessoas inocentes sem o menor remorso. E é isso irremediavelmente o que acaba por acontecer. No máximo, ele está livre para dominar e provar a condição de Bloom (cf. Tiquun, 2000, p.129-130)⁵. O Bloom da nova epopeia está no limite dessas duas coisas. Além disso, ele também representa a figura “numa zona intermediária entre a vida e a morte. Entre o humano e o inumano. É o sobrevivente” (Pelbart, 2007, p.59), “um efeito generalizado do biopoder contemporâneo. (...) ele inclui plenamente a democracia ocidental, a sociedade de consumo, o hedonismo de massa, a medicalização da existência. Em suma, a abordagem biológica da vida em uma escala ampliada” (Pelbart, 2007, p.60). Bloom está no limite entre o dar de ombros e o movimento de deserção geral frente ao Espetáculo e ao Poder que o retém. Mesmo quando Bloom, aparentemente, quer, ele não deixa de querer, porque ele quer esvaziar, porque ele quer o vazio (cf. Tiquun, 2000, p.90-92). A única coisa “que preocupa é não [existir/ saída]” (VI, V, 38).

Dada a aforismos poéticos, a narrativa lacunar, expressa através de pensamentos e frases breves, pode sugerir, por vezes, que cada estrofe funciona de modo autônomo, como poemas completos e não apenas como parte de um longo poema. Este procedimento garante uma composição metonímica, na qual cada parte forma o todo, que também reflete o seu comportamento: “De facto, nem sempre o homem se pode preocupar/ com o mundo” (VI, VI, 20) e Bloom “Está vivo e, por isso, é menos ingénuo,/ não é santo nem sábio; é um corpo e move-se, nada mais” (VI, IX, 95). “Bloom, no fundo, é apenas um ser humano” (VI, V, 36) que, “[à] maneira de Álvaro de Campos, no ‘Opiário’”, vai buscar “[u]m Oriente ao oriente do Oriente” e, levando uma “vida de bordo”, pergunta-se: “Pra que fui visitar a Índia que há/ Se não há Índia senão a alma em mim?”. E eis que chega a resposta antes mesmo da pergunta: “Eu acho que não vale a pena ter/ Ido ao Oriente e visto a Índia” (Pessoa *apud* Silveira, 2014, p.9). E Bloom arremata: “Da Índia não trago a imortalidade/ (o que me fará falta, sem dúvida), trago, sim,/ maus-tratos físicos e a perda

⁵ L'exil du Bloom a un statut métaphysique, c'est-à-dire qu'il est effectif en tous domaines. Il exprime sa situation réelle, au regard de laquelle sa situation légale est sans vérité. Qu'il puisse être abattu comme un chien par un inconnu sans la plus mince justification, ou symétriquement qu'il soit capable d'assassiner des « innocents » sans le moindre remords n'est pas une réalité sur laquelle une quelconque juridiction soit en mesure de revenir. Seuls les esprits faibles et superstitieux peuvent s'abandonner à croire qu'un verdict de prison à perpétuité ou un procès en règle suffisent à rejeter de tels faits dans les limbes du nul et non-venu. Tout au plus est-il libre à la domination d'attester la condition du Bloom, (...). Il y a un certain risque physique à être métaphysiquement nul.

definitiva das ilusões” (VI, IX, 14). Afinal, “[a] terra é semelhante e pequenina”, como pequeno também é “um ser humano” (VI, V, 36), “convalescente do Momento” que “[v]olt[a] à Europa descontente”.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *Senhas*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Org. Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição de Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1978.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

LOURENÇO, Eduardo. Uma viagem no coração do caos. Prefácio. In: TAVARES, Gonçalo M. *Uma viagem à Índia: Melancolia contemporânea (um itinerário)*. Lisboa: Caminho, 2010, pp. 9-20.

MAFFEI, Luis. Gonçalo M. Tavares, uma viagem ao valor com Camões ao fundo e alguns problemas contemporâneos. São Paulo, Via Atlântica, nº 20, dez/2011, pp.53-65.

MARONGIU, Jean-Baptiste. La dernière surprise-partie. Un manifeste philosophique post-situationniste sur le «Bloom», personnage à peine conceptuel, «fils catastrophique de l'ère industrielle et de la fin de tous les enchantements». Tiqqun. La Théorie du Bloom. La Fabrique éditions, 140pp., 59f. Libération, Critique, 4 mai 2000. Disponível em: http://next.liberation.fr/livres/2000/05/04/la-derniere-surprise-partie-un-manifeste-philosophique-post-situationniste-sur-le-bloom-personnage-a_324760. Acesso em: 25 ago. 2017.

MEXIA, Pedro. O romance ensina a cair. Público, Lisboa, 27 out. 2010. Cultura-Ípsilon. Disponível em: <https://www.publico.pt/2010/10/27/culturaipsilon/noticia/o-romance-ensina-a-cair-268246>. Acesso em: 4 dez. 2014.

NÓBREGA, Luiza. *O canto molhado: metamorfose d'Os Lusíadas (leitura do poema como poema)*. Lisboa: Aqva, 2008.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. Sala Preta, São Paulo, n.7, p.57-65, 2007.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Org., introd. e notas de Maria Aliete Galhoz. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

QUINTAIS, Luís. Camões, Montaigne e a sensibilidade antropológica moderna. In: *Colóquio/Letras*, nº 182, jan./mar. 2013, pp. 32-41.

SAID, Edward. *Humanismo e crítica democrática*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. De rotas da Índia: *Os Lusíadas* no Século XXI ou *Dial M. for Murder*, 2014 (inédito).

TAVARES, Gonçalo M. *I*. 2ª ed. Lisboa: Relógio D'Água, 2011.

_____. *Uma viagem à Índia: Melancolia contemporânea (um itinerário)*. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Caminho, 2010.

TIQQUN, *Théorie du Bloom*. Paris: La Fabrique éditions, 2000.